RGe ISSN: 2177-3246

CONCENTRAÇÃO DE COMMODITIES NA PAUTA EXPORTADORA BRASILEIRA, NO COMÉRCIO BILATERAL COM A CHINA: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

CONCENTRATION OF COMMODITIES IN THE BRAZILIAN EXPORT AGENDA, IN BILATERAL TRADE WITH CHINA: AN ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF THE DETERIORATION OF THE TERMS OF TRADE

CONCENTRACIÓN DE PRODUCTOS BÁSICOS EN LA AGENDA EXPORTADORA BRASILEÑA, EN EL COMERCIO BILATERAL CON CHINA: UN ANÁLISIS DESDE LA PERSPECTIVA DEL DETERIORO DE LA RELACIÓN REAL DE INTERCAMBIO

10.56238/revgeov17n5-124

Rodrigo De Arruda Darros
Mestrando em Economia
Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
E-mail: rodrigo.darros@gmail.com

Luiz Philippe dos Santos Ramos
Doutor em Economia
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
E-mail: luiz.sr@hotmail.com

RESUMO
Tendo como base o arcabouço da teoria de deterioração dos termos de troca, este trabalho tem como objetivo a investigação das exportações e importações brasileiras no comércio bilateral com a China. O período considerado foi de 2013 a 2023, década em que a China se consolidou como segunda maior potência econômica e aumentou sua demanda por bens primários para sustentar as elevadas taxas de crescimento. Nesta relação de comércio bilateral, o Brasil sem mudanças estruturais significativas, mantém sua posição de fornecedor de bens primários na divisão internacional do trabalho, tendo a China como seu principal parceiro comercial. Em contrapartida, a China se estabelece como fornecedor de bens de média e alta tecnologia. Este artigo busca analisar este modelo de relação comercial desenvolvida entre os dois países, onde a estratégia chinesa consiste em importar produtos de baixo valor agregado e gerar valor internamente. A análise foi realizada com base em uma revisão da tese Prebisch-Singer. Os produtos principais produtos exportados pelo Brasil foram: soja em primeiro, petróleo e minério de ferro tecnicamente empatados em segundo lugar. Já a China teve como principais produtos exportados para o Brasil: painéis solares, smartphones e aparelhos de reprodução de som.

Palavras-chave: Brasil. Economia Chinesa. Comércio Internacional. Commodites. Pautas Comerciais.

ISSN: 2177-3246

ABSTRACT
Based on the framework of the terms of trade deterioration theory, this work aims to investigate Brazilian exports and imports in bilateral trade with China. The period considered was from 2013 to 2023, a decade in which China consolidated itself as the second largest economic power and increased its demand for primary goods to sustain high growth rates. In this bilateral trade relationship, Brazil, without significant structural changes, maintains its position as a supplier of primary goods in the international division of labor, with China as its main trading partner. On the other hand, China establishes itself as a supplier of medium and high technology goods. This article seeks to analyze this model of commercial relationship developed between the two countries, where the Chinese strategy consists of importing products with low added value and generating value internally. The analysis was carried out based on a review of the Prebisch-Singer thesis. The main products exported by Brazil were: soybeans in first place, oil and iron ore technically tied in second place. China's main products exported to Brazil were: solar panels, smartphones and sound reproduction devices.

Keywords: Brazil. Chinese Economy. International Trade. Commodities. Trade Guidelines.

RESUMEN
Basándose en el marco de la teoría del deterioro de los términos de intercambio, este trabajo tiene como objetivo investigar las exportaciones e importaciones brasileñas en el comercio bilateral con China. El período considerado fue de 2013 a 2023, una década en la que China se consolidó como la segunda mayor potencia económica y aumentó su demanda de bienes primarios para sostener altas tasas de crecimiento. En esta relación comercial bilateral, Brasil, sin cambios estructurales significativos, mantiene su posición como proveedor de bienes primarios en la división internacional del trabajo, con China como su principal socio comercial. Por el contrario, China se establece como proveedor de bienes de tecnología media y alta. Este artículo busca analizar este modelo de relación comercial desarrollado entre los dos países, donde la estrategia china consiste en importar productos de bajo valor agregado y generar valor internamente. El análisis se realizó con base en una revisión de la tesis de Prebisch-Singer. Los principales productos exportados por Brasil fueron: soja en primer lugar, seguida de petróleo y mineral de hierro, técnicamente empatados en segundo lugar. Las principales exportaciones de China a Brasil fueron: paneles solares, teléfonos inteligentes y equipos de audio.

Palabras clave: Brasil. Economía China. Comercio Internacional. Productos Básicos. Directrices Comerciales.

ISSN: 2177-3246

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as relações comerciais entre as nações foram objeto de estudo de diversas escolas de pensamento econômico. Inúmeras abordagens foram realizadas ao longo do tempo tentando explicar os ganhos comerciais resultantes das relações de troca entre os países.

A relação comercial entre Brasil e China vem de longa data, mas nas últimas décadas o comércio entre os dois países se intensificou devido ao elevado crescimento chinês e a sua demanda cada vez maior por *commodities*, do qual o Brasil é grande ofertante no mercado mundial.

Em um intervalo de treze anos, as importações da China atingiram a marca de US$ 525 bilhões em 2014, provocando uma trajetória ascendente nos preços desses produtos (MANZI, 2016). Entretanto, em períodos de baixa, quando há desaceleração no comércio de produtos primários, verifica-se efeitos negativos no dinamismo econômico de muitos países, inclusive no Brasil (CALDERÓN E FUENTES, 2010), os quais são inegáveis e substanciais.

Desta forma, existe uma relação de dependência muito grande dos países em desenvolvimento, produtores de *commodities*, em relação a conjuntura econômica chinesa. O crescimento chinês das últimas décadas tem gerado um efeito positivo no crescimento econômico dos países periféricos, por meio da valorização do preço das *commodities*. Ao longo da nossa história, o Brasil dentro da divisão internacional do trabalho, ocupou uma posição de exportador de bens primários e importador de manufaturados, isso acabou determinando um padrão de produção agrícola, de culturas como a soja e milho, que apresentam uma forte integração nas cadeias produtivas internacionais (MARQUES, 2020).

Isto posto, propõe-se uma análise dos principais produtos exportados para a China entre os anos de 2013 e 2023, que possibilite contribuir para um entendimento da posição brasileira, dentro desta relação de comércio que foi se consolidando ao longo das décadas mais recentes. Além disso, analisa-se também os principais produtos importados da China neste período.

Este artigo, portanto, contará com quatro seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção, apresenta uma introdução sobre as economias brasileira e chinesa a partir dos anos 1970, destacando momentos importantes que permitam compreender a construção de suas respectivas pautas exportadoras. Na segunda seção, foi feita uma revisão teórica da tese que ficou conhecida na literatura econômica como tese Prebisch-Singer e uma breve revisão sobre o conceito de Balança Comercial, suas conclusões servirão de arcabouço para o entendimento das vantagens e problemas decorrentes do comércio sino-brasileiro. Na terceira seção, foi realizada uma análise sobre as exportações brasileiras para a China durante o período de 2013 a 2023 e seus resultados mais relevantes. Na quarta e última sessão foi feita uma análise da pauta de importações brasileira do comércio bilateral com a China e o resultado desta corrente de comércio estabelecida. Encerra-se esta sessão com a análise da balança comercial resultante da relação de troca entre os dois países.

2 EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA E CHINESA

Nesta seção, será apresentado um breve resumo sobre a economia brasileira a partir dos anos 1970, destacando pontos que consideramos importantes para análises posteriores sobre a pauta de exportações brasileira no comércio bilateral Brasil –República Popular da China (RPC). Da mesma forma, tentou-se aqui retratar pontos cruciais para explicar o crescimento da economia chinesa a partir das reformas modernizantes de Deng Xiaoping, em 1978.

2.1 A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

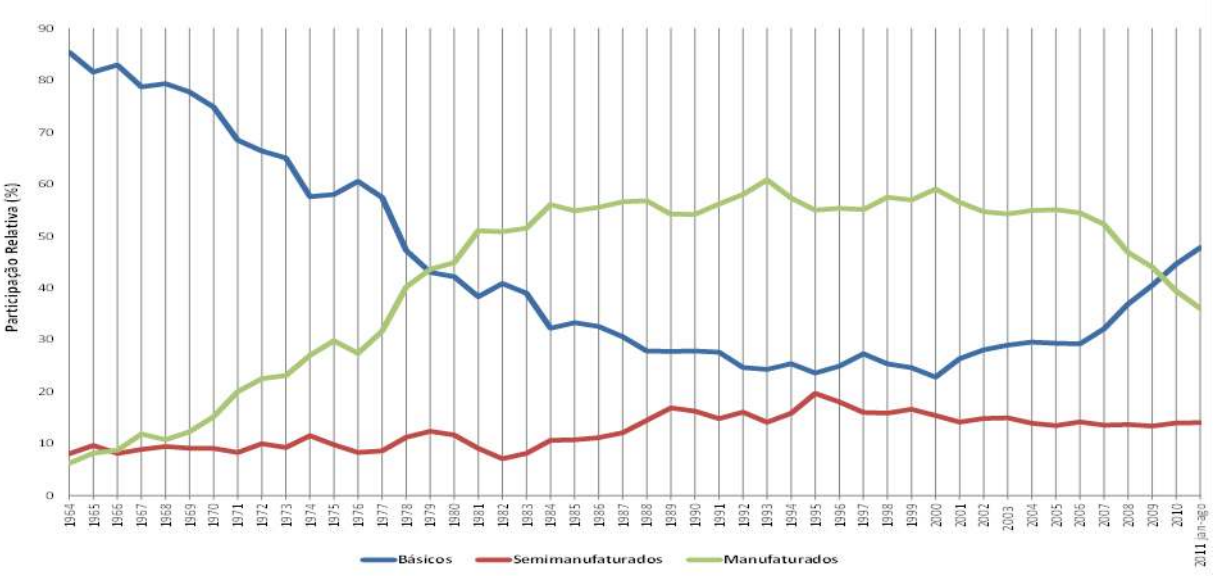
Na história de pouco mais de 500 anos do nosso país, pode-se verificar que possuímos vantagens na produção de bens primários. Historicamente houve uma dependência elevada destes produtos na pauta de exportações brasileira. A partir da década de 60, entretanto, o Brasil passou por um período de desenvolvimento que resultou num parque industrial mais diversificado, isso possibilitou a produção de bens manufaturados com competitividade internacional e permitiu uma condição diferenciada em relação aos demais países em desenvolvimento. “O Brasil possui, nesse contexto, uma condição singular: reúne um amplo leque de recursos naturais e uma herança industrial solidamente estruturada” (FURTADO, 2008, p. 39).

Os grandes planos de desenvolvimento implementados, tinham como principal objetivo preparar a infraestrutura necessária para o desenvolvimento do Brasil. Conforme podemos observar através do gráfico 1, a partir de 1979 observou-se uma maior participação de produtos manufaturados frente aos produtos básicos na pauta de exportações brasileiras, consequência direta de Planos Nacionais de Desenvolvimento, onde podemos destacar: Plano de Metas do Governo JK, I Plano Nacional de Desenvolvimento e II Plano Nacional de Desenvolvimento, respectivamente I PDN e II PDN.

Essa superioridade dos produtos manufaturados manteve-se até o ano de 2009. No gráfico 1 é possível verificar uma reversão na Pauta de Exportações Brasileiras. Os bens manufaturados, desde 1979, possuíam uma maior participação relativa na pauta de exportações do nosso país, porém no ano de 2009 verificou-se as curvas de bens manufaturados e bens primários se cruzando, a partir deste ponto as commodities passaram a ocupar a maior parcela de produtos exportados.

Isso tem gerado um debate intenso em torno do aumento da dependência do Brasil amparada nas exportações de commodities agrícolas e minerais.

Gráfico 1 - Distribuição (%) das Exportações Brasileiras por fator agregado – 1964 a 2011.

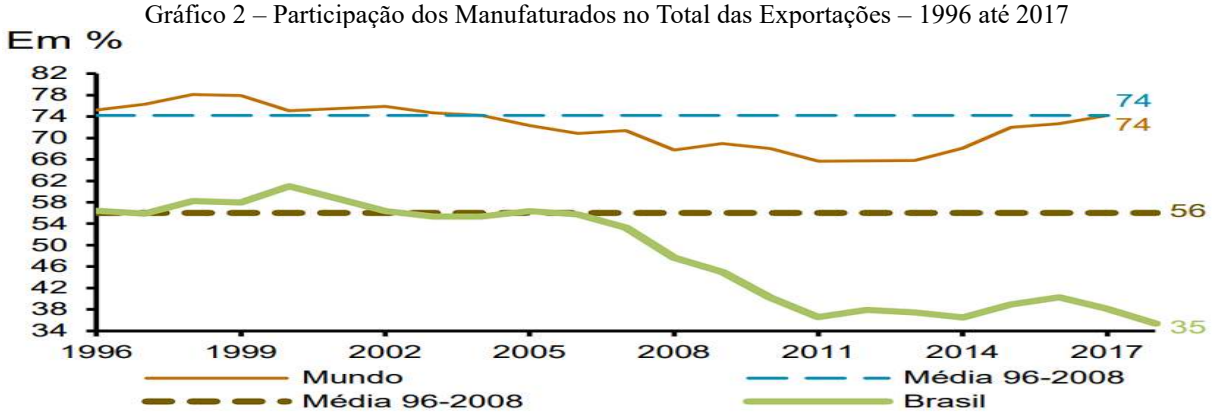


Fonte: SECEX – MDCI /DEPLA

Conforme exposto no Gráfico 2, a partir de 2008 houve uma queda na participação de produtos manufaturados, embora o fenômeno tenha sido mundial, a queda no Brasil ocorreu de forma mais acentuada, não revertendo essa tendência, diferentemente do restante do Mundo.

Segundo dados do Banco Mundial, entre 1998 e 2011, a queda na participação dos manufaturados brasileiros no total das vendas externas atingiu 22% (ante 12% no caso mundial). Entretanto, a reversão da trajetória de perda de participação desses bens no fluxo das exportações mundiais, observada a partir de 2012, ainda não se materializou no caso brasileiro (BACEN 2019).

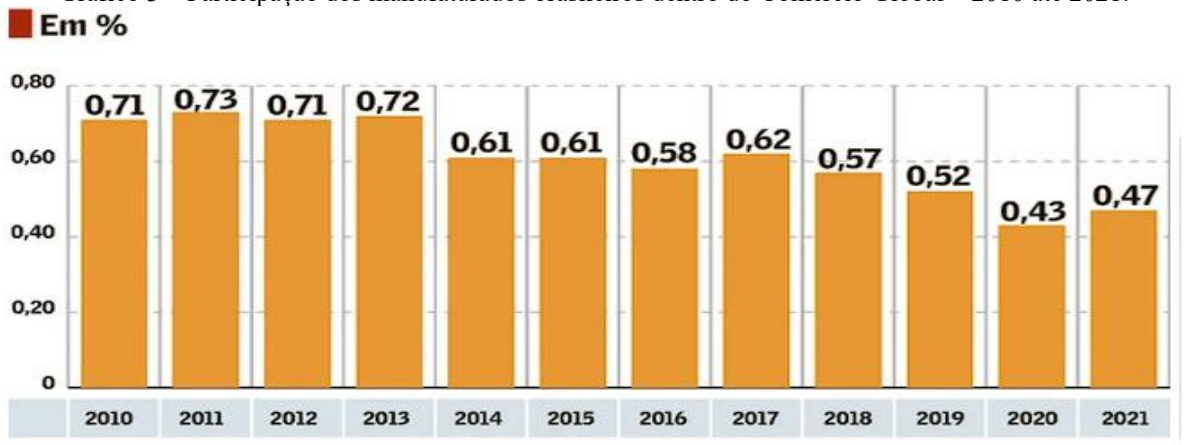
Gráfico 2 – Participação dos Manufaturados no Total das Exportações – 1996 até 2017



Fonte: Secex/ME e Banco Mundial (WITS)

No ano de 2020, apresentado no gráfico 3, pela primeira vez na história, a participação do Brasil na venda global de produtos manufaturados atingiu o menor patamar, fechando em 0,43%, apresentando pequena recuperação para 0,47% em 2021, segundo dados da OMC tabulados pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industriais (IEDI 2023).

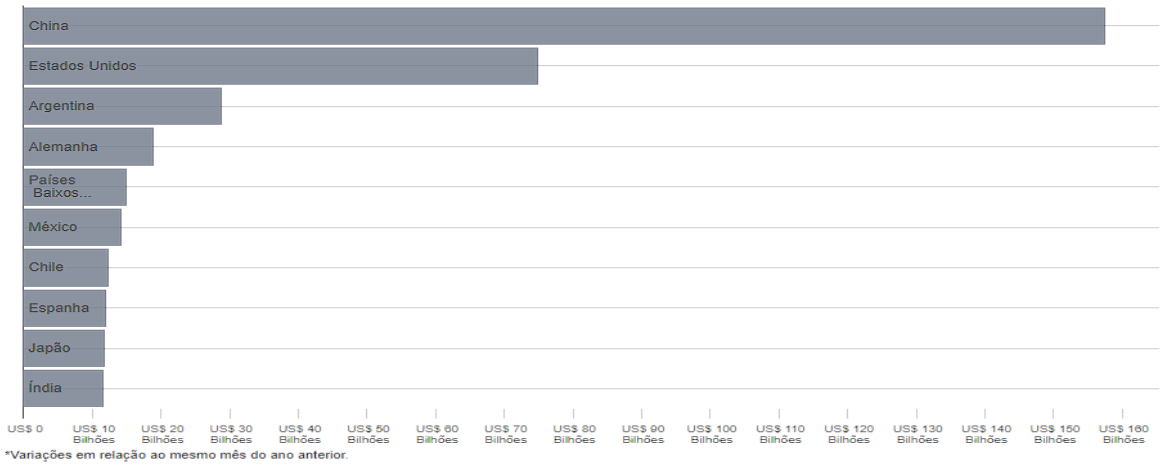
Gráfico 3 – Participação dos manufaturados brasileiros dentro do Comércio Global – 2010 até 2021.



Fonte: IEDI com dados da OMC 2023.

É possível observar, conforme informado no gráfico 4, os 10 principais parceiros comerciais do Brasil no ano de 2023, ele considera tanto as importações como as exportações realizadas entre o Brasil e os seus respectivos parceiros comerciais. A China aparece como nosso principal parceiro, representando um volume total de comércio na ordem de US$ 157,5 bilhões, 27% do total de nossas transações comerciais. Em seguida aparecem EUA e Argentina, com respectivamente, US$ 74,9 bilhões e US$ 28,7 bilhões.

Gráfico 4 – 10 principais parceiros comerciais do Brasil - Ano 2023.



Fonte: Comexstat 2024

2.2 A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA CHINESA

A República Popular da China, uma nação com mais de 4 mil anos de história, vem se destacando nas últimas décadas como um dos principais players da economia mundial. Desde 2010, alcançou a posição de segunda maior economia do planeta, após ter ultrapassado o Japão, ficando atrás somente dos EUA.

Mas nem sempre foi assim, até pouco tempo atrás, a RPC era um país pobre. Em 1978 cerca de 800 milhões de pessoas viviam em extrema pobreza, porém, ao longo dos anos o país reduziu

gradativamente o número de pessoas da miséria, chegando à erradicação da pobreza extrema, em fevereiro de 2021. (XI, 2021).

Durante esta trajetória complexa, três momentos na história recente da RPC merecem destaque: as reformas modernizantes lideradas por Deng Xiaoping em 1978, a política de atração de Investimento Direto Externo (IED) nos anos 1990 e o ingresso do país na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001.

A natureza gradual e incrementalista das reformas e a instalação de novos modelos institucionais, criadas a partir de 1978, foram resultado de um movimento interativo de fatores econômicos e políticos, por circunstâncias não antecipadas pelo governo (MEDEIROS, 1999).

Um ponto de partida para poder compreender como os chineses conseguiram chegar à posição que ocupam hoje, seria observarmos a taxa média de crescimento ao longo do tempo.

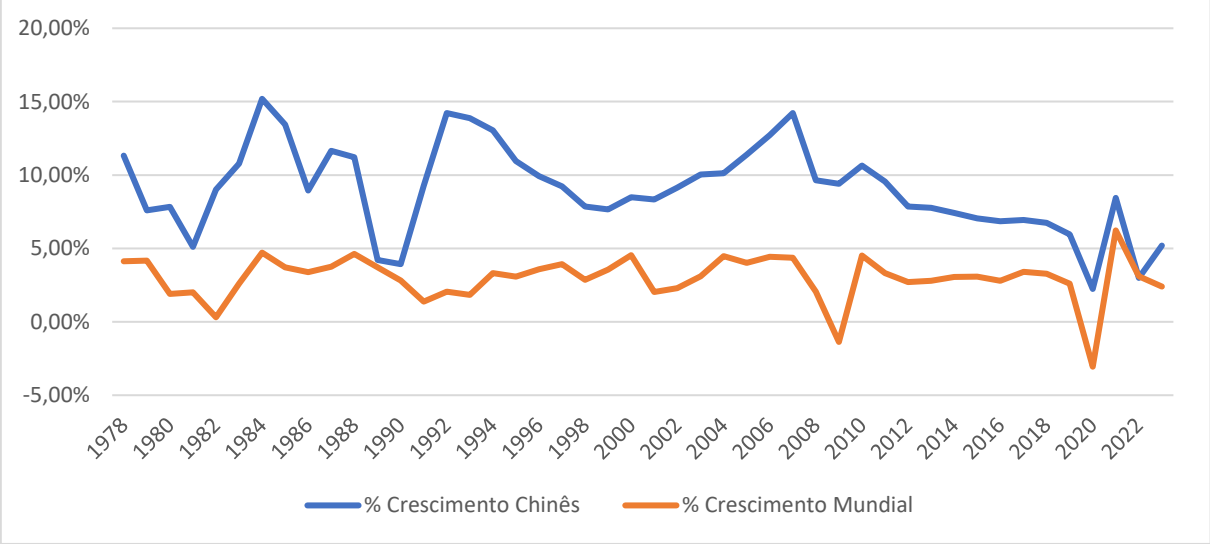
Conforme o gráfico 5 nos apresenta, entre os anos de 1978 e 2023, o crescimento médio chinês foi de 9,03% ao ano, totalizando mais de 4 décadas de crescimento sustentável.

Dentro deste contexto, vale destacar o papel central das empresas estatais chinesas, as inovações institucionais e o poder do planejamento econômico.

O Estado chinês utiliza as empresas estatais para direcionar o desenvolvimento econômico em setores estratégicos, tais como: infraestrutura, energia, P&D, e finanças. Além disso, elas desempenham um forte papel social, sendo responsáveis por inserir milhões de pessoas no mercado de trabalho e fornecer serviços básicos, com água, energia e transporte a preços acessíveis.

Segundo dados do *National Bureau of Statistics* (NBS) da RPC, o total de trabalhadores empregados em empresas estatais foi de 170 milhões de pessoas no ano de 2021 e o número de empresas com capital nacional era 25.180, no mesmo ano (NBSC, 2022).

Gráfico 5 – Taxa de Crescimento Chinês (%) – 1978 até 2023



Fonte: World Bank 2023

Combinando mecanismos de planejamento, reformas institucionais, investimento público em infraestrutura urbana e estratégias privadas de acumulação (exportações de bens industriais), a RPC construiu uma trajetória desenvolvimentista, liderada pelo Estado e de maneira gradual. Concomitantemente, a economia mundial orientava os países em desenvolvimento a diminuir a participação do Estado, fazendo com que estes adotassem receituários neoliberais.

O resultado foi um crescimento chinês pujante, enquanto a média mundial foi de 2,99% de 1978 até 2023, no mesmo período a China cresceu a uma taxa média de 9,03%, exposto no gráfico 5.

O modelo de crescimento chinês explica o elevado aumento da produção, os retornos sustentados do investimento de capital, a extensa retroalimentação no setor industrial, a queda da porcentagem de trabalho e a acumulação de um grande excedente externo através de imperfeições financeiras assimétricas e de produtividade heterogênea (SONG, 2009).

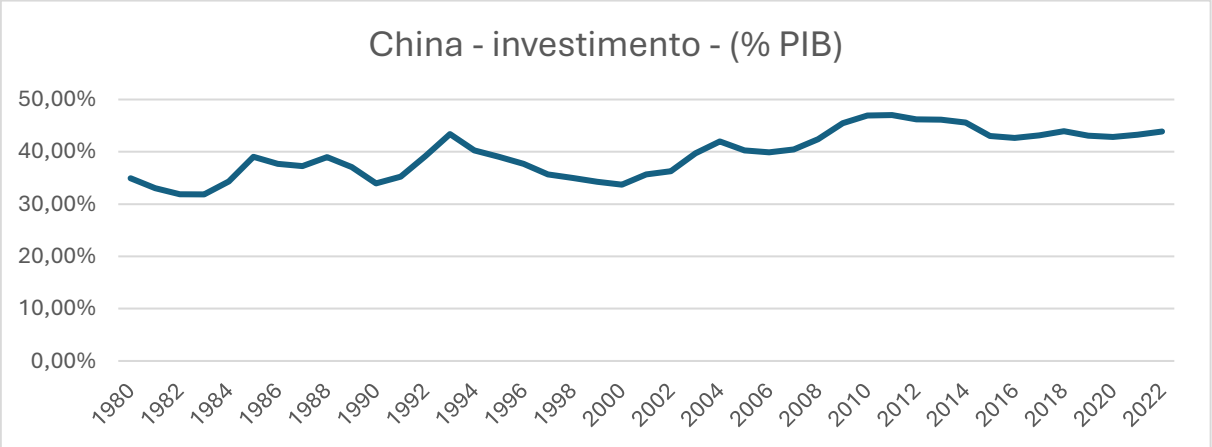
A industrialização orientada pelo Estado é um dos pilares sobre o qual se apoia o crescimento chinês. A elevada expansão dos Investimentos Externos Diretos (IED), principalmente em setores intensivos em capital, voltados inicialmente para o mercado americano e posteriormente para todo o mundo, aumentou substancialmente a taxa de investimento chinesa ao longo do tempo, e atualmente se mantém em patamares elevadíssimos.

Quando comparada a outras experiências de desenvolvimento acelerado ocorridas ao longo do século XX, a economia chinesa se destaca pelo longo período no qual conseguiu sustentar taxas de investimento dessa magnitude (NAUGHTON, 2007).

As exportações e os investimentos diretos estrangeiros têm um impacto forte e positivo no crescimento econômico da China, sugerindo que a promoção das exportações e a adoção de tecnologias e práticas empresariais mundiais, podem ser úteis para outras economias em desenvolvimento e em transição (YAO. 2006)

Entre os anos de 1980 e 2022, exposto no gráfico 6, a análise da taxa de investimento como percentual do PIB chinês é bastante relevante, pois, a taxa média foi de 39,61% ao ano.

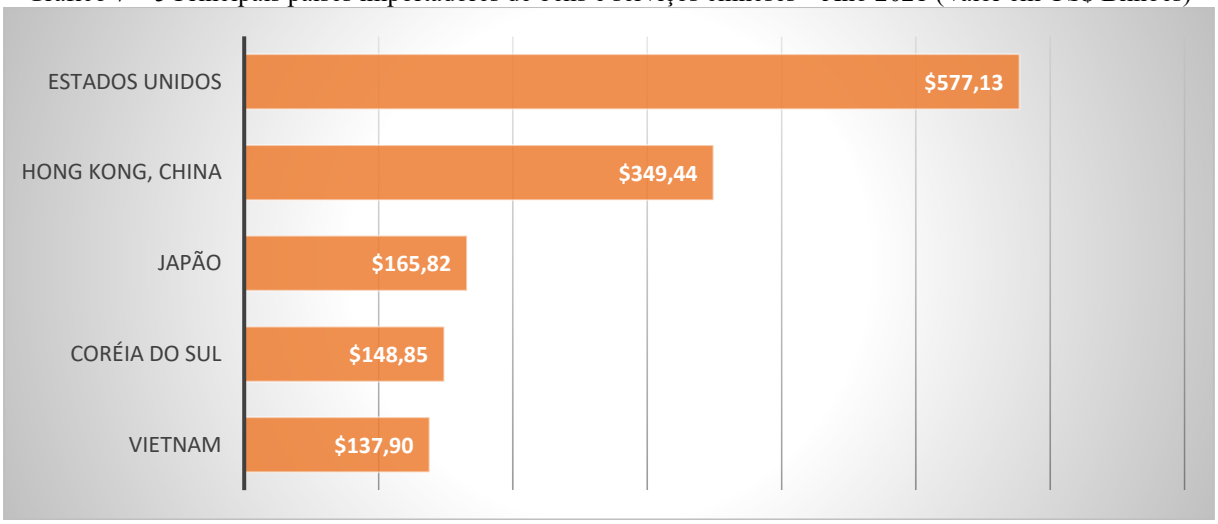
Gráfico 6 – Taxa de Investimento Chinês (%) – 1980 até 2022



Fonte: Ipeadata 2024

Conforme apresentado no gráfico 7, podemos observar os 5 principais países importadores de produtos e serviços da China para o ano de 2021. O principal destino das exportações chinesas foram os EUA, totalizando US$ 577 bilhões. Hong Kong aparece em segundo lugar, com US$ 349 bilhões, seguido do Japão com US$ 165 bilhões.

Gráfico 7 – 5 Principais países importadores de bens e serviços chineses – Ano 2021 (Valor em US$ Bilhões)



Fonte: World Integrated Trade Solution 2023

3 BALANÇA COMERCIAL E DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

Nesta seção será feita uma breve revisão sobre o conceito de Balança Comercial e a Teoria da Deterioração dos Termos de Troca, onde a tese Prebisch-Singer será a base teórica utilizada para analisar a relação de comércio bilateral entre Brasil e RPC.

3.1 BALANÇA COMERCIAL

A balança comercial é a diferença entre exportações e importações (BLANCHARD 2017):

- Se as exportações são maiores que as importações, tem-se um superavit comercial (de forma equivalente, balança comercial positiva);
- Se as importações são maiores que as exportações, tem-se um déficit comercial (de forma equivalente, balança comercial negativa);

Ela é um importante indicador econômico e nos fornece uma visão clara das transações comerciais de um determinado país com o resto do mundo. Através dela é possível uma análise do perfil comercial do país estudado.

Dada a identidade contábil do PIB, $Y = C + I + G + (X - M)$, onde:

Y = Produto Interno Bruto;

C = Consumo;

I = Investimento

G = Gastos do Governo;

X = Exportações

I = Importações

Apresentar uma balança comercial favorável (X>M) é de suma importância, pois, impacta diretamente em uma maior entrada de moeda estrangeira no país, principalmente o dólar, isso possibilita um maior investimento em máquinas e equipamentos, que podem modernizar o setor produtivo aumentando assim sua produtividade. Considerando que a Balança Comercial é o principal componente da conta de Transações Correntes, caso haja um déficit na conta corrente, ele terá de ser coberto. Segundo Simonsen (1978), o país só pode cobri-lo em conta corrente de três maneiras:

- Recebendo Investimentos Diretos;
- Aumentando seu endividamento externo, ou
- Diminuindo suas reservas internacionais.

Desta forma, apresentar saldos positivos recorrentes na balança comercial é uma excelente oportunidade de modernizar a estrutura produtiva do país, o que possibilita incorrer em saldos comerciais cada vez maiores, gerando um ciclo virtuoso de crescimento sustentável.

3.2 DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

Segundo Prebisch (2000), a relação comercial entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento é permeada por um dualismo de natureza estrutural. Isto é, a existência de diferenças estruturais entre as economias produz um padrão de relação comercial assimétrico, dada por um padrão de especialização internacional que resulta na deterioração secular dos termos de troca da periferia. Originalmente, a tese de Prebisch-Singer refere-se aos termos de troca entre bens primários, produzidos pelas economias subdesenvolvidas, e bens manufaturados, provenientes de economias industrializadas. Singer (1950) aponta os seguintes fatores como possíveis responsáveis pela deterioração secular dos termos de troca:

a. diferentes elasticidades-preço de demanda para bens primários e bens manufaturados;
b. diferentes elasticidades-renda da demanda;
c. superioridade tecnológica dos países desenvolvidos;
d. diferentes estruturas nos mercados de bens e de trabalho.

Os países centrais possuindo técnicas de produção mais avançadas, absorvem integralmente o fruto do progresso técnico, em contrapartida, os países periféricos, permanecendo atrasados em relação a organização e tecnologia transferem parte do fruto do seu progresso técnico para os países centrais,

devido a composição da estrutura produtiva destes países e a diferença elasticidade-renda dos bens primários e industrializados, conforme Prebisch (1949).

Países centrais possuem uma baixa elasticidade renda na demanda por produtos primários, em contrapartida, os países periféricos detêm uma alta elasticidade renda por produtos manufaturados. Em outras palavras, um aumento da renda nos países periféricos seria transformado em uma maior demanda por bens manufaturados, produtos estes que seriam exportadores pelos países centrais, já nos países centrais, este aumento da renda não necessariamente seria traduzido num crescimento da demanda por bens primários oriundos dos países periféricos.

Esta diferença entre elasticidades, acaba gerando uma pressão sobre os custos de produção tanto nos países centrais e periféricos, afetando o comportamento dos custos dos fatores, o que por sua vez mantém o salário dos países periféricos relativamente baixos, face aos salários pagos aos países desenvolvidos, conforme Prado (2014).

Segundo Gudin (1978), a grande indústria (nas palavras de Simonsen) por toda parte do mundo em que se instala, traz como resultado o aumento dos salários e o barateamento da capacidade de consumo.

O progresso técnico permite que os países centrais se apropriem dos ganhos de comércio, através do aumento do bem-estar dos seus consumidores, resultante do aumento de salários de seus trabalhadores, por outro lado, os trabalhadores dos países periféricos não conseguem incorporar aos seus salários ganhos de produtividade advindos do progresso técnico.

Bielschowsky (2020, p.7-8), destaca três pontos principais que diferenciam a periferia em relação ao centro, sendo eles:

a. Baixa diversidade produtiva e especialização de bens primários;
b. Grande heterogeneidade estrutural e oferta abundante de mão de obra com baixos rendimentos do trabalho;
c. Quadro institucional (Estado, tributação, empresariado, sistema financeiro e de inovação etc.) de composição de agentes pouco favoráveis à acumulação de capital e progresso técnico.

Romper com a armadilha contida na teoria das Vantagens Comparativas Ricardiana, que aprisiona a periferia na sua condição de periferia, será alcançada através do caminho da industrialização, sendo essa uma prerrogativa necessária, embora não suficiente para enfrentar as questões do subdesenvolvimento.

A diversificação da matriz produtiva interna, possibilitará aos países periféricos transformarem a sua pauta exportadora e tornarem-se menos dependentes de bens primários. Além disso, uma matriz produtiva mais diversificada, permite produzir internamente bens manufaturados que são importados, reduzindo a dependência em relação aos países centrais.

A importância do Estado como promotor da industrialização nos países periféricos foi resultado direto da tese Prebisch-Singer, sendo a defesa da Política de Substituição de Importações (PSI) o caminho através do qual os países em desenvolvimento poderiam reverter essa tendência de deterioração dos termos de troca.

Visto que o produto mais exportado pelo Brasil na última década foi a soja, bem primário com alta demanda no mercado internacional, analisar a composição da pauta de exportações brasileira pode nos trazer informações importantes sobre a dependência de bens primários para os resultados da balança comercial e o crescimento econômico do país.

4 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO COMÉRCIO BILATERAL COM A RPC.

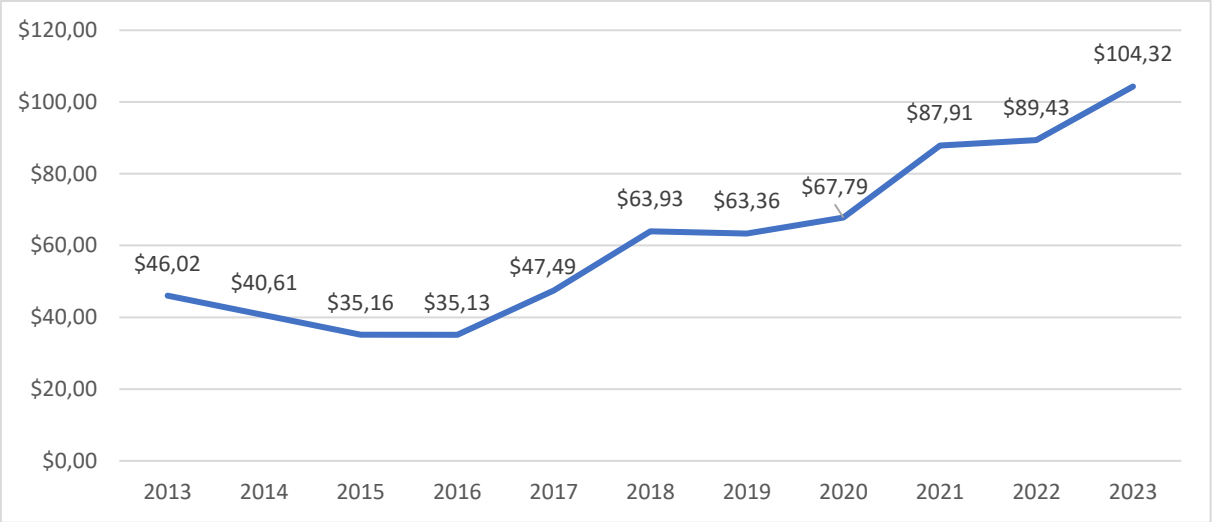
Nesta seção será analisada a dinâmica do comércio internacional no que se refere a pauta de exportações brasileira entre os anos de 2013 e 2023 que tiveram como destino a RPC.

4.1 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO COMÉRCIO BILATERAL COM A RPC

As relações diplomáticas entre o Brasil e a RPC iniciaram-se em 1974, durante o governo do presidente Ernesto Geisel, período no qual o Brasil vivia sob o regime de ditadura militar. Desde então os laços foram fortalecidos e a partir de 2009 a RPC tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil (Ministério das Relações Exteriores - 2014).

Conforme o gráfico 8, as exportações brasileiras para a RPC apresentaram queda entre os anos 2014 e 2016, a principal explicação para esta redução deve-se principalmente ao declínio nos preços internacionais das principais commodities comercializadas pelo Brasil, as quais podemos citar: soja, minério de ferro, petróleo e carnes. Posteriormente, com a recuperação dos preços no mercado internacional e o aumento na quantidade exportada, o ritmo de crescimento das exportações acelerou e no ano de 2023 ultrapassamos a casa dos US$ 100 bilhões em exportações para a RPC.

Gráfico 8 – Evolução da Pauta de Exportações Brasileiras – Anos 2013 até 2023 (Valor FOB em US$ Bilhões)

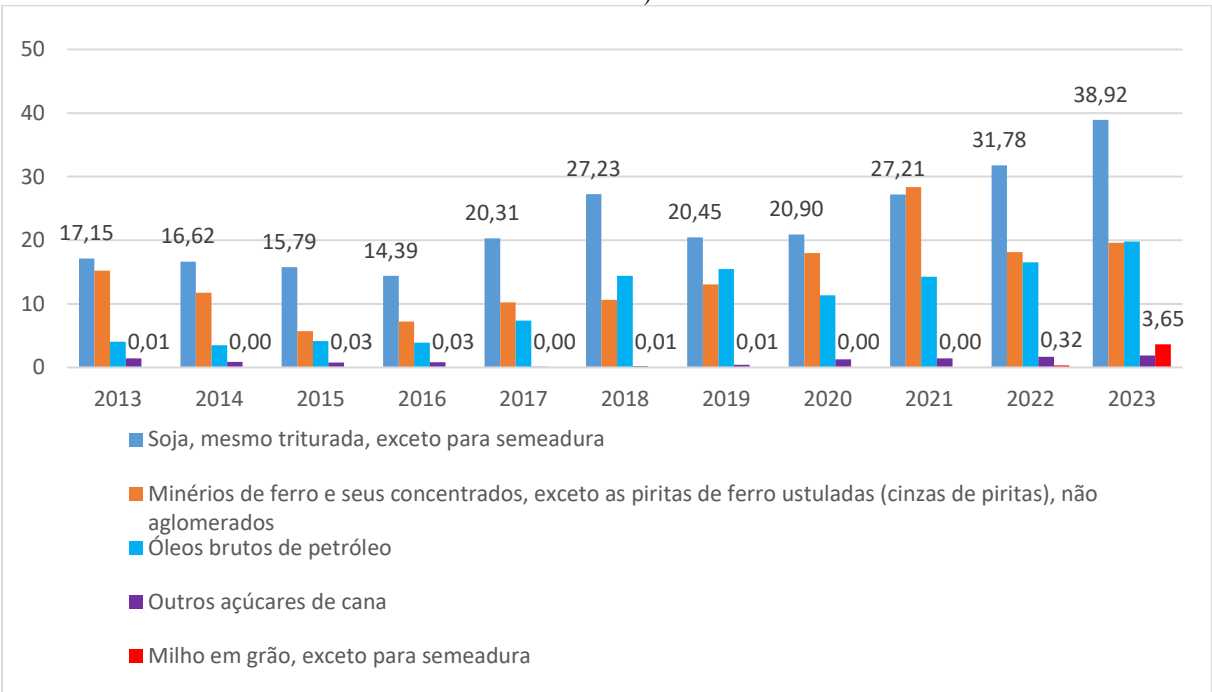


Fonte: Comexstat 2024

Entre os anos de 2013 e 2023, o Brasil exportou para a RPC o equivalente a US$ 681,15 bilhões, onde passamos de um total de 1.822 categorias exportadas para 2.698 categorias, um crescimento de 48,08% nos últimos 10 anos, segundo dados do Comexstat.

Conforme apresentado no gráfico 9, o principal produto exportado pelo Brasil ao longo do período analisado foi a soja, no ano de 2023 o valor total das exportações deste produto para a RPC foi de US$ 38,92 bilhões, com um crescimento de 127% se comparado ao ano de 2013. O petróleo bruto foi o segundo produto, com um montante de US$ 19,78 bilhões, seguido do minério de ferro com US$ 19,58 bilhões.

Gráfico 9 – Evolução dos 5 principais produtos brasileiros exportados para China – Anos 2013 até 2023 (Valor em US$ Bilhões)

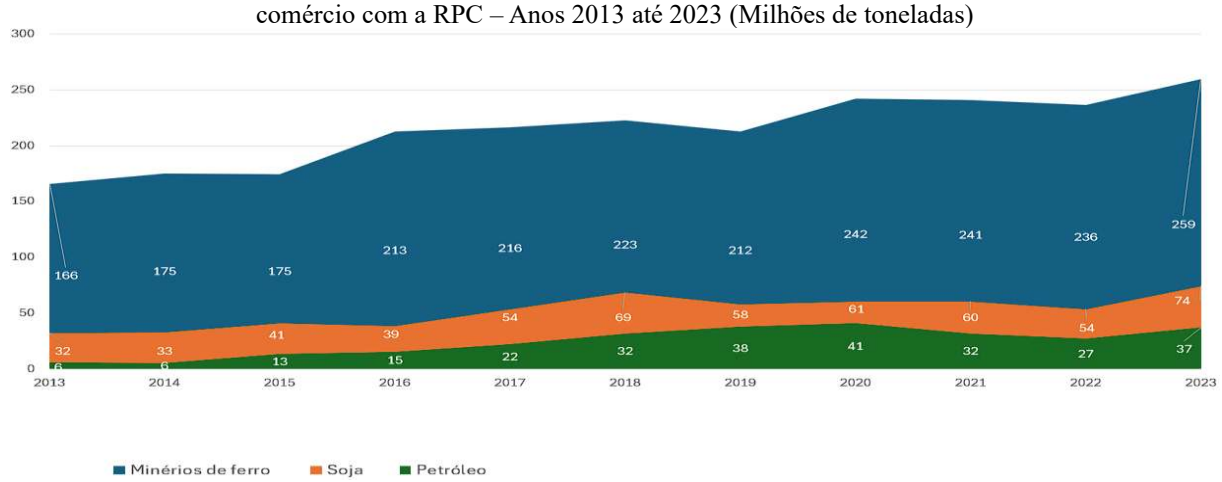


Fonte: Comexstat 2024

O Brasil assumiu a posição de maior exportador de milho do mundo em 2023, ultrapassando os EUA (AGRO 2024). Uma combinação de vários fatores foi responsável pelo protagonismo brasileiro na exportação de milho para a RPC. Do lado chinês podemos citar o aumento da população, urbanização acelerada e expansão da indústria pecuária. Porém, existe um fator conjuntural relevante no mercado mundial neste ano: a perda de competitividade do preço do milho norte americano no mercado internacional, guerra na Ucrania (grande produtor mundial) e quebra na produção Argentina ajudam a explicar a explosão chinesa na demanda pelo milho brasileiro.

De acordo com o gráfico 10, as quantidades exportadas dos três principais produtos no comércio bilateral com a RPC - minério de ferro, soja e petróleo - apresentaram tendência de crescimento entre os anos de 2014 e 2018. Contudo, nos anos de 2015 e 2016, houve uma diminuição na receita das exportações, redução confirmada pela queda no preço destas *comodities* no mercado internacional.

Gráfico 10 – Evolução da quantidade exportada dos 3 produtos brasileiros com maior participação em peso bruto no comércio com a RPC – Anos 2013 até 2023 (Milhões de toneladas)



Fonte: Comexstat 2024

Conforme o gráfico 11 nos apresenta, os preços das *commodities*, excluindo o ouro, apresentou uma tendência de estabilidade entre os anos 2000 e 2020. Ocorreram variações ao longo do período analisado, contudo, podemos observar que passadas duas décadas, o nível de preços em 2020 foi muito próximo do montante do início da série, corroborando com a teoria da deterioração dos termos de troca no longo prazo, para produtos primários exportados pelos países periféricos.

Ainda neste gráfico, podemos observar o comportamento dos preços no período conhecido como boom das comodities, que teve seu início em 2002, resultado direto da aceleração no crescimento dos países em desenvolvimento e intenso processo de industrialização, sendo o principal demandante a RPC. O nível de preços que começa a aumentar em 2002, permanece em ascensão até 2008, quando ocorre uma quebra estrutural decorrente da crise financeira internacional, retomando posteriormente a trajetória de crescimento até o ano de 2014. A partir deste ponto observamos uma tendência de queda

ao longo dos anos, sendo que no ponto final, em 2020, o nível de preços das commodities retorna a patamares relativamente próximos aos registrados no ponto inicial, início dos anos 2000.

Gráfico 11 – Índice de preços de commodities excluindo ouro de 2000 – 2020 (US$)

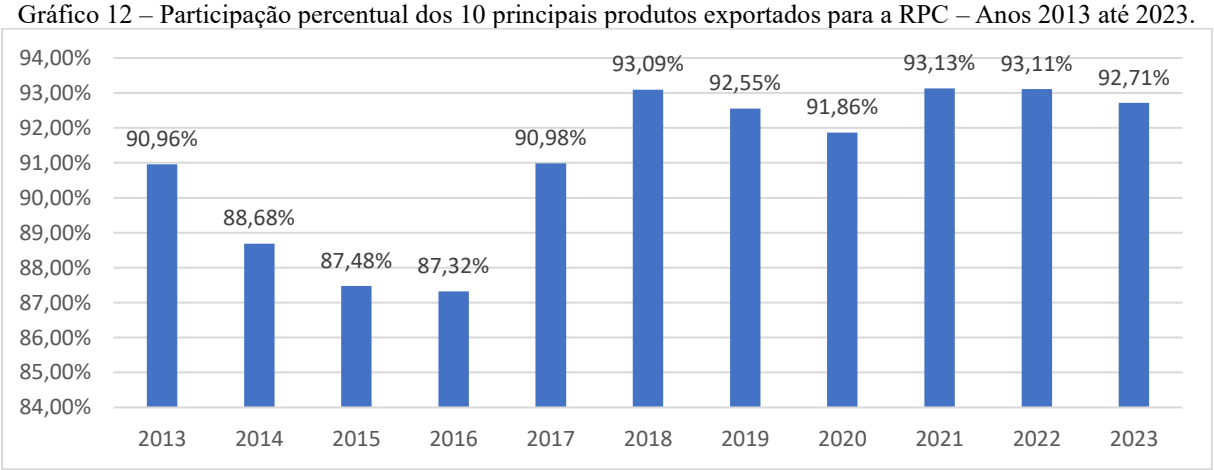


Fonte: IMF (2020). Disponível em: https://www.imf.org/en/Research/commodity-proces.
Nota: [1] Até julho de 2020.
Obs.: 2016 = 100.

No gráfico 12 podemos observar a participação percentual dos 10 principais produtos exportados para a RPC, dentro do universo de todos os produtos exportados durante o período analisado. Com exceção dos anos 2014, 2015 e 2016, em todos os demais a participação dos 10 mais exportados ultrapassou a casa dos 90%.

Conforme analisado anteriormente, nos anos de menor concentração, tivemos uma queda no preço das principais commodities exportadas pelo Brasil, o que acabou reduzindo a participação destes na pauta de exportações brasileiras. Isso resultou em um peso maior para o restante dos produtos e consequentemente uma diminuição da concentração de commodities na pauta exportadora brasileira.

Gráfico 12 – Participação percentual dos 10 principais produtos exportados para a RPC – Anos 2013 até 2023.



Fonte: Comexstat 2024

Conforme as tabelas 1 e 2 nos apresentam, tanto em 2013 como 2023, a pauta exportadora brasileira foi composta em sua integralidade por *commodities*, quando consideramos os 10 principais produtos exportados, *commodities* estas: agrícolas, minerais ou energéticas.

Tabela 1 – Ranking dos 10 principais produtos exportados para China no ano de 2013, em US$ bilhões.

Ranking	2013	
	Produto	**Valor US$ bilhões**
1º	Soja	17,15
2º	Minério de Ferro	15,23
3º	Petróleo	4,03
4º	Açúcar de Cana	1,42
5º	Celulose	1,34
6º	Minério de Ferro (aglomerado)	0,71
7º	Cátodos de Cobre	0,58
8º	Óleo de Soja Bruto	0,51
9º	Tabaco	0,45
10º	Carne de Frango Congelada	0,44

Fonte: Comexstat 2024

O minério de ferro (aglomerado) ocupava a 6ª posição no ano de 2013, caindo para 15ª posição em 2014, porém, a partir deste ano não houve mais exportações deste produto para a RPC. Outro item que apresentou uma forte retração foram os cátodos de cobre, no ano de 2013 ele ocupava a 7ª posição no ranking dos mais exportados, já em 2022 passou para a 136ª posição, e em 2023 não houve exportação.

Tabela 2 – Ranking dos 10 principais produtos exportados para China no ano de 2023, em US$ bilhões.

Ranking	2023	
	Produto	**Valor US$ bilhões**
1º	Soja	38,92
2º	Petróleo	19,78
3º	Minério de Ferro	19,58
4º	Carne Bovina Congelada	5,73
5º	Milho em Grão	3,65
6º	Celulose	3,16
7º	Açúcar	1,85
8º	Carne de Frango Congelada	1,61
9º	Algodão	1,50
10º	Ferro-Nióbio	0,94

Fonte: Comexstat 2024

Já a carne bovina congelada, que no ano de 2013 ocupava a 269ª posição no ranking, em 2015 entrou para o top 10 dos mais exportados, e em 2023 ocupou a 4ª posição, com um montante total de US$ 5,73 bilhões.

O milho em grãos, exceto para semeadura, registrou no ano de 2023 um resultado de US$ 3,65 bilhões de dólares, ocupando a 5ª posição na pauta de exportações brasileira na relação com a RPC. Porém, quando observamos as exportações na última década, constata-se que as receitas obtidas eram

bem menores do que a registrada em 2023. Entre os anos de 2013 e 2021 o melhor resultado foi em 2015, quando exportamos US$ 30 milhões, já em 2021 o montante total foi de US$ 34,00.

Tabela 3 – Ranking dos 10 principais produtos exportados pelo Brasil no ano de 2023 e a participação chinesa no total exportado (Valor FOB em US$ bilhões).

Produto	Exportação Total 2023	Exportação China 2023 - Valor FOB (US$)	Participação Chinesa % no Total das Exportações
Soja	$53,24	$38,92	73,10%
Petróleo	$42,61	$19,78	46,41%
Minério de Ferro	$27,30	$19,58	71,74%
Milho	$13,46	$3,65	27,09%
Açucar	$13,35	$1,85	13,89%
Farelo de Soja	$8,55	$0,00	0,00%
Carnes bovina congeladas	$8,50	$5,73	67,49%
Óleo Combustível	$7,56	$0,05	0,72%
Café	$7,31	$0,28	3,80%
Celulose	$6,99	$3,16	45,23%
-	**$189**	**$93**	**49,25%**

Fonte: Comexstat 2024

Conforme exposto na tabela 3, quando consideramos os 10 principais produtos exportados pelo Brasil para o resto do mundo, 49,25% do total exportado tem como destino a China, praticamente metade vai para o mercado chinês. Destaque para a soja, minério de ferro e carne bovina congelada, todos com uma demanda chinesa próximo dos 70%, frente ao total exportado.

Em contrapartida farelo de soja e óleo combustível possuem uma demanda muito baixa, menos de 1% do total exportado.

Quando analisamos o café, o consumo chinês foi US$ 278,24 milhões frente aos US$ 7,31 bilhões exportados, apenas 3,8% do total. Este foi o melhor resultado entre os anos de 2013 e 2023. O crescimento foi de 251,07% comparado a 2022, quando exportamos US$ 79,23 milhões. Considerando que o Brasil é o maior produtor e exportador de café do mundo e o tamanho do mercado chinês, a tendência é de um aumento nas vendas ao longo do tempo, porém, aspectos culturais, como a preferência pelo chá, um bem substituto, é um entrave para o aumento exponencial na demanda.

A relação de dependência entre Brasil e China é recíproca, a necessidade de sustentar elevados níveis de crescimento e uma área cultivável de apenas 13% do território total, segundos dados da Forbes Agro (2024), faz com que o Brasil seja um parceiro estratégico no fornecimento de bens primários. Por outro lado, o Brasil sendo um grande exportador de *commodities* e a concentração destes nas primeiras posições da pauta exportadora brasileira, tornam o país dependente do crescimento chinês para manter o nível de preços das commodities em patamares elevados.

5 IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO COMÉRCIO BILATERAL COM A RPC E O RESULTADO DA BALANÇA COMERCIAL

Nesta seção será analisada a dinâmica do comércio internacional no que se refere a pauta de importações brasileira entre os anos de 2013 e 2023. Além disso, é feita uma análise da balança comercial dessa relação de troca entre os dois países.

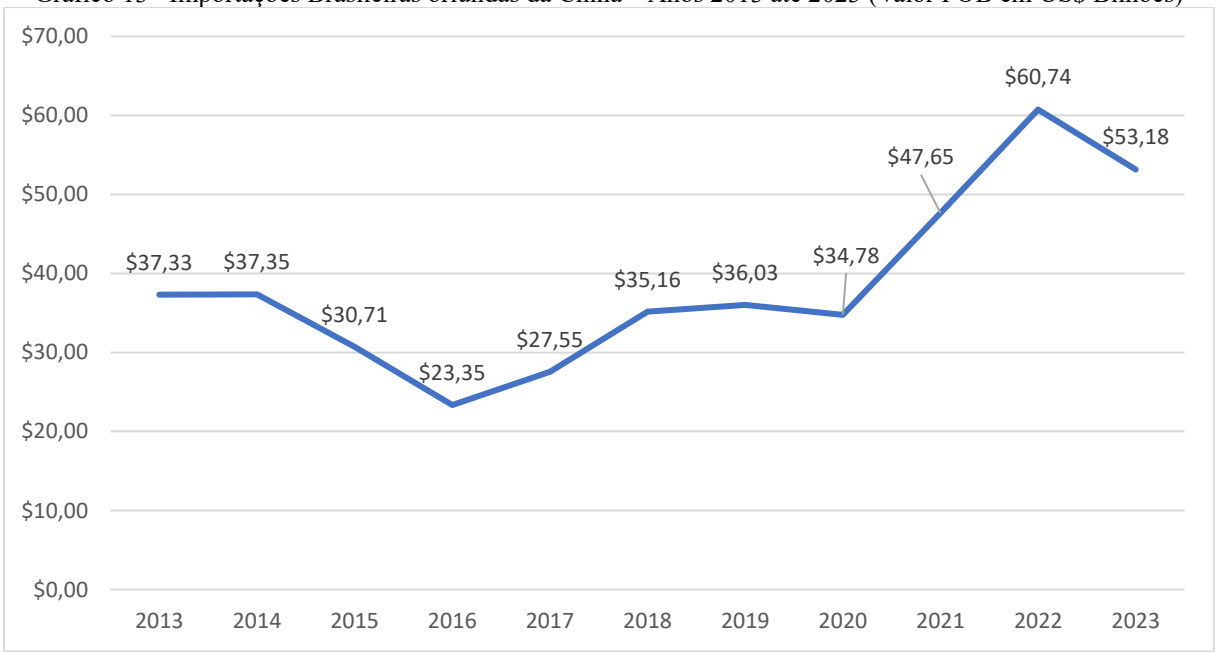
5.1 IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO COMÉRCIO BILATERIAL COM A RPC.

No ano de 2014 a China tornou-se a maior parceira comercial do Brasil (Ministério das Relações Exteriores - 2014). No período analisado, as importações brasileiras têm aumentado no decorrer dos anos, sendo grande parte constituída de bens manufaturados, com alto valor agregado.

A RPC tem se especializado na exportação de produtos de média e alta complexidade, dos quais podemos citar: televisores LCD (liquid crystal display), placas mães, smartphone, módulos e painéis solares, e mais recentemente veículos híbridos e elétricos.

Conforme podemos observar no gráfico 13, o valor total importado permaneceu relativamente estável entre 2013 e 2020, onde a partir daí registrou crescimento considerável, sendo que no ano de 2022 atingiu o maior valor da série analisada, US$ 60,7 bilhões. Neste ano, US$ 5 bilhões do total importado correspondeu a módulos e painéis solares, um crescimento de 117% em comparação ao ano de 2021.

Gráfico 13 –Importações Brasileiras oriundas da China – Anos 2013 até 2023 (Valor FOB em US$ Bilhões)



Fonte: Comexstat 2024

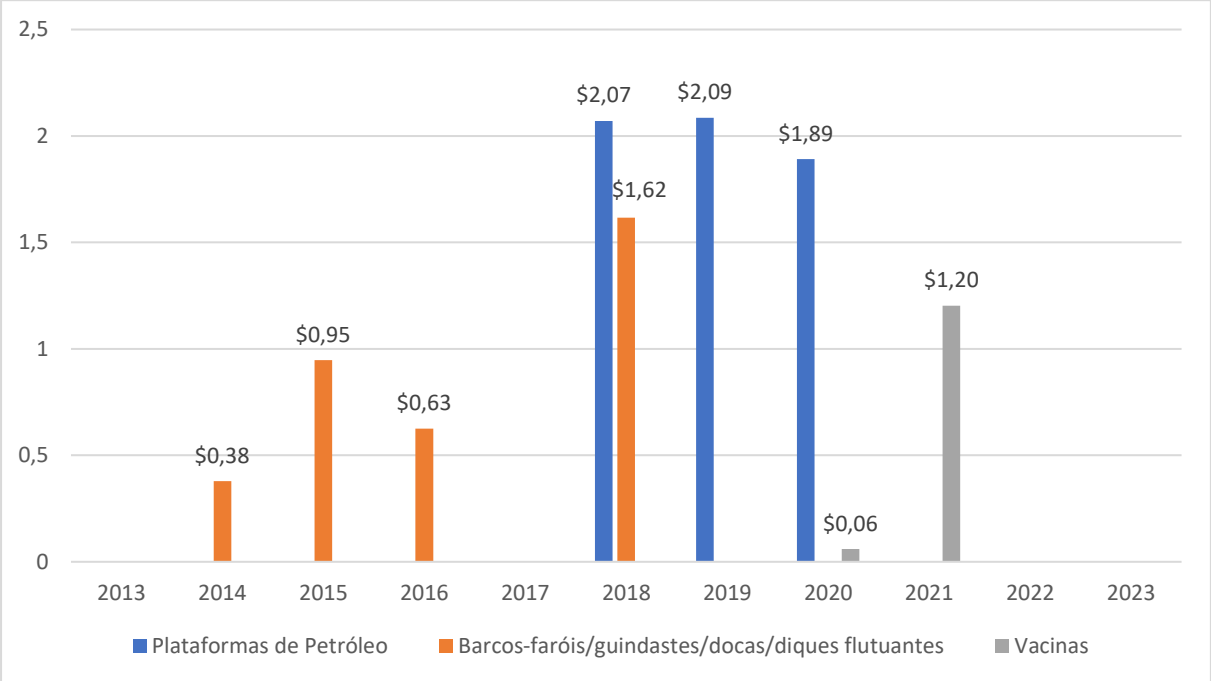
Entre os anos de 2013 e 2023, o Brasil importou da RPC o equivalente a US$ 423,83 bilhões, onde passamos de um total de 6.258 categorias importadas para 6.728 categorias, um crescimento de 7,51% nos últimos 10 anos, segundo dados do Comexstat.

No gráfico 14, foram destacados três produtos que tiveram grande peso na pauta de importações brasileira no período analisado: barcos, faróis, guindastes e diques flutuantes (sendo todos agrupados em uma única categoria), plataformas de petróleo e vacinas.

Os dois primeiros: barcos, faróis, guindastes, diques flutuantes e plataformas de petróleo, estão diretamente relacionados a grandes aquisições de equipamentos ligados a exploração de óleo e gás no Brasil, com grande representatividade de investimento estrangeiro, inclusive chineses. As plataformas de petróleo ocuparam o topo da lista dos mais importados nos anos de 2019, 2020 e 2021.

Já a vacina, entra com peso nas importações brasileiras a partir de 2020, tendo o seu ápice em 2021, decorrente da pandemia do Covid-19, a vacina chinesa chegou ao Brasil com o nome de CoronaVac (Sinovac). Além da China, o Brasil importou vacina da União Europeia (Pfizer), Sputnik (Rússia) e teve parte sendo produzida internamente pela Fiocruz e Instituto Butantan (AstraZeneca).

Gráfico 14 – Produtos que se destacaram entre os mais importados – Anos 2013 até 2023 (Valor FOB em US$ Bilhões)

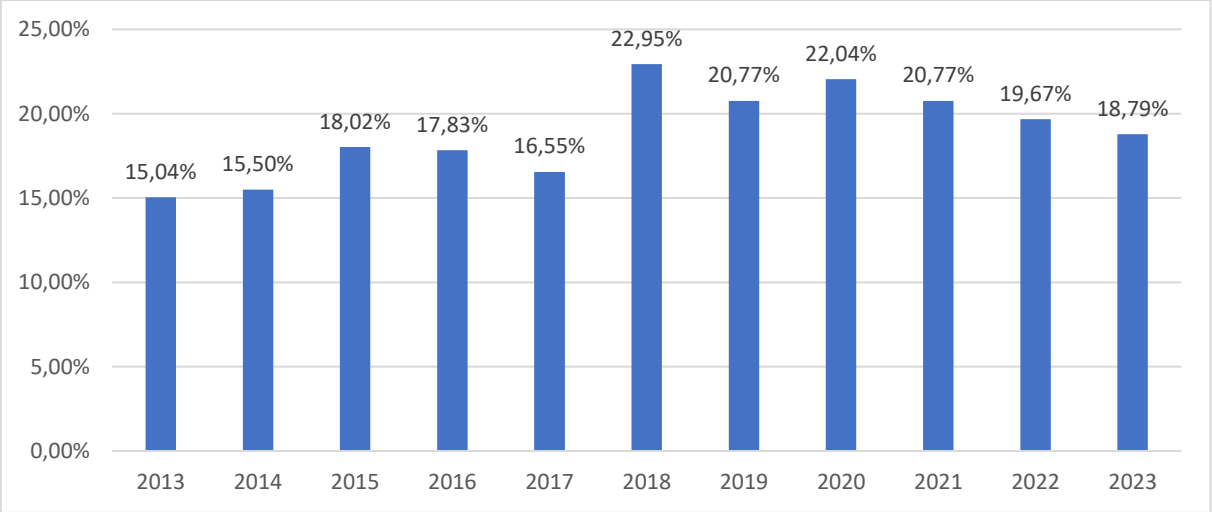


Fonte: Comexstat 2024

No gráfico 15 podemos observar a participação percentual dos 10 principais produtos importados pelo Brasil da RPC, dentro do universo de todos os produtos importados durante o período analisado. A participação dos 10 principais produtos teve o seu maior registro no ano de 2018, quando atingiu 22,95%. Isso nos revela que a RPC, diferente do Brasil, possui uma concentração muito menor na sua pauta de exportações.

No ano de 2023, 80% do valor total das importações brasileiras oriundas da China estavam diluídos em 667 mercadorias de média e alta tecnologia, bem diferente das exportações brasileiras, que teve os mesmos 80% de valor distribuídos em apenas 4 produtos, sendo eles: soja, petróleo, minério de ferro e carne bovina congelada.

Gráfico 15 – Participação percentual dos 10 principais produtos importados do Brasil pela China– Anos 2013 até 2023.



Fonte: Comexstat 2024

Conforme as tabelas 4 e 5 nos apresentam, tanto em 2013 como 2023, as importações brasileiras foram compostas em sua maioria por bens de média e alta tecnologia, quando consideramos os 10 principais produtos importados.

Tabela 4 – Ranking dos 10 principais produtos importados da China no ano de 2013, em US$ bilhões.

Ranking	2013	
	Produto	Valor US$ Bilhões
1	Televisores	$1,72
2	Celulares	$1,00
3	Tela para microcomputadores	$0,48
4	Terminais portáteis de telefonia celular	$0,47
5	Herbicida	$0,37
6	Sistema de Processamento de Dados	$0,35
7	Processadores e memórias	$0,34
8	Lâmpadas/tubos de catodo quente	$0,33
9	Ar-condicionado	$0,30
10	Circuitos Impressos	$0,26

Fonte: Comexstat 2024

Quando analisamos televisores, que em 2013 foi a mercadoria mais importada, podemos observar uma redução na importação deste item ao longo dos anos, passando para vigésima posição em 2023, totalizando um total de US$ 311 milhões. Por tratar-se de um bem de consumo durável, houve um ápice na importação e consequentemente uma redução à medida que as famílias foram adquirindo este bem. Por outro lado, os painéis solares que em 2013 ocupavam a posição de nº 860, a

partir de 2016 começou a figurar entre os 10 mais importados, ocupando a primeira posição nos anos de 2021, 2022 e 2023.

Dois itens que merecem destaque e estão crescendo cada vez mais nas importações brasileiras são os veículos híbridos e elétricos, onde passaram ocupar a nona e décima posição no ano de 2023 e a tendência é que já em 2024 estejam entre os 3 mais importados.

Tabela 5 – Ranking dos 10 principais produtos importados da China no ano de 2023, em US$ bilhões.

Ranking	2023	
	Produto	Valor US$ Bilhões
1	Painéis Solares	3,84
2	Smartphones	1,16
3	Aparelho reprodução som	0,90
4	Sulfato de Amônio (Fertilizante)	0,90
5	Conversor Elétrico Estático	0,63
6	Processadores e memórias	0,61
7	Outros Herbicidas	0,53
8	Laminados de ferro ou aço	0,51
9	Veículos Híbridos	0,47
10	Veículos Elétricos	0,45

Fonte: Comexstat 2024

Diferente do Brasil, que apresentou pouca alteração nos 10 principais produtos exportados na última década, a China desenvolveu novos produtos. A inserção de modernos bens manufaturados reflete em última instância o que está por detrás da teoria da deterioração dos termos de troca. Produtos que apresentam uma baixa especialização, bens primários, tendem a ter um limite na expansão da demanda, devido à natureza da elasticidade destes bens, diferentemente do que acontece com os bens manufaturados, de média e alta tecnologia, onde sempre haverá mercado para eles, e o limite é o fim do progresso tecnológico.

5.2 BALANÇA COMERCIAL NO COMÉRCIO BILATERAL COM A CHINA.

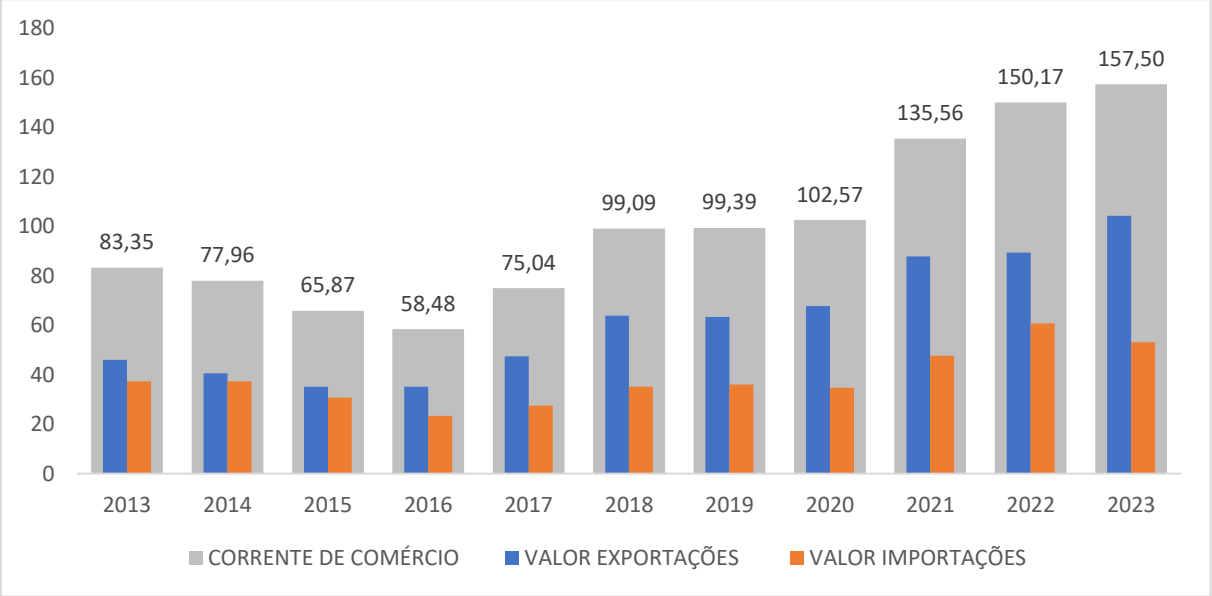
Em 2024, Brasil e China celebraram 50 anos de relações diplomáticas, durante este período construímos uma parceria estratégica de grande importância, não só no comércio bilateral, mas para todo o contexto global, dada a dinâmica e a grandeza dos montantes envolvidos.

Nas relações comerciais entre a China e os países subdesenvolvidos, na grande maioria das vezes, o resultado da balança comercial é um superávit do lado chinês e um déficit para países periféricos. Isso acontece dado a sua posição de fornecedor de bens manufaturados, de maior tecnologia e importador de bens primários, de baixo valor agregado, sendo estes fornecidos pelos países com menor desenvolvimento tecnológico.

Conforme poderemos observar no gráfico 16, o Brasil difere-se dos demais países periféricos e apresenta um saldo positivo da balança comercial na relação com a China, isto se repetiu durante todo o período analisado. Este resultado, em partes, pode ser explicado pela extensão da área cultivável,

condições climáticas e ao nível tecnológico (colheitadeiras, sementes geneticamente modificadas) alcançado na produção latifundiária de monocultura, visando o mercado exportador.

Gráfico 16 – Balança comercial brasileira no comércio bilateral com a China – Anos 2013 até 2023 (Valor FOB em US$ bilhões).



Fonte: Comexstat 2024

No ano de 2023, alcançamos o maior superávit da história, um total de US$ 51,15 bilhões, onde exportamos US$ 104,32 bilhões e importamos US$ 53,18 bilhões dos chineses.

Outro ponto a ser destacado, foi a corrente de comércio estabelecida entre os dois países, do início da série até 2023, o total de crescimento foi de 88,96%.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando analisamos as relações comerciais entre Brasil e China na última década, é possível observar o crescimento da importância deste modelo de comércio para o Brasil, dada a elevada participação da demanda chinesa sobre o total exportado pelo país. Observando os dados é possível constatar que a China estreitou os laços com o Brasil e se consolidou como grande importadora de bens primários.

O crescimento chinês observado nas últimas décadas é extremamente dependente da importação de *commodities* para se manter sustentável, dada a escassez de área cultivável na China. Sendo assim, os chineses buscam parceiros comerciais que se especializaram na produção de bens primários, onde o Brasil possui papel de destaque no mercado internacional.

No caso brasileiro, conforme exposto ao longo deste trabalho, apesar da valorização dos preços das commodities, não se observou uma alteração na matriz produtiva, onde permanecemos especializados nas exportações de bens primários com baixo valor agregado.

O Brasil é um dos poucos países que neste modelo de comércio, onde exporta bens primários e importa bens de média e alta tecnologia, apresenta uma balança comercial favorável no comércio com a China. Contudo, mesmo com um saldo comercial positivo, o Brasil apresenta tendência de deterioração dos termos de troca para o período analisado. Outro fator importante a ser considerado é a dependência da volatilidade dos preços internacionais para o planejamento do seu desenvolvimento, a relação de comércio estabelecida entre Brasil-China, é um exemplo clássico da relação centro-periferia.

Estabelecido este modelo de comércio entre os dois países, o Brasil tem a necessidade de exportar volumes cada vez maiores de commodities a fim de manter sua capacidade de importação no comércio bilateral com a China.

Desta forma, é possível observar que o Brasil consolidou sua dependência estrutural na divisão internacional do trabalho durante o período analisado, na medida em que passa a concentrar suas exportações em três produtos: soja, minério de ferro e petróleo. No comércio bilateral com a China, o Brasil apresenta intensa deterioração dos termos de troca, enquanto os chineses estabelecem uma política de desenvolvimento de médio e longo prazo como exportadora de bens de média e alta tecnologia.

A deterioração dos termos de troca fica evidente na relação de comércio estabelecida entre Brasil e China na última década, onde de um lado temos o Brasil como exportador de bens primários, de baixo valor agregado e importador de bens de bens tecnológicos, enfatizando a relação centro-periferia.

REFERÊNCIAS

AGRO 2024 . Quem são e quanto produzem os 5 maiores produtores de milho do mundo? . Disponível em: https://agroadvance.com.br/blog-5-maiores-produtores-de-milho-do-mundo/#:~:text=Na%20safra%202022%2F2023%2C%20o,dos%20Estados%20Unidos%20(USDA). . Acesso em: 18 jul. 2024.

BACEN 2019. Evolução da Pauta de Exportações Brasileiras e seus determinantes. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/Evolucao_da_pauta_exportadora_brasileira_e_seus_determinantes.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

BANCO MUNDIAL. Word Integrade Trade Solution. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/Evolucao_da_pauta_exportadora_brasileira_e_seus_determinantes.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

BIELSCHOWSKY. Do “manifesto latino-americano” de Raul Prebisch aos dias de hoje: 70 anos de estruturalismo na Cepal. Revista de Economia Contemporânea, v. 24, n. 1, 2020.

Blanchard, Olivier. Macroeconomia. 7 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017.

CALDERÓN; FUENTES. Caractherising the business cycles of emerging economies. The Wold Bank, 2010. Disponível em: https://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/524811468325165721/characterizing-the-business-cycles-of-emerging-economies. Acesso em: 15 mai. 2024.

COMEXSTAT. Dados Importação e Exportação Brasil x China. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home. Acesso em: 1 mai. 2024.

FORBES AGRO. Total de terras agricultáveis da China diminui quase 6% entre 2009 e 2019. Disponível em: https://forbes.com.br/forbesagro/2021/08/total-de-terras-agricultaveis-da-china-diminui-quase-6-entre-2009-e-2019/#:~:text=O%20total%20de%20terras%20agricult%C3%A1veis,uso%20de%20terras%20no%20pa%C3%ADs. Acesso em: 10 abr. 2024.

Furtado, João. Muito além da especialização regressiva e da doença holandesa. São Paulo: Novos Estudos, v. 81, 2008. (Ceprad).

GUDIN, Eugênio; SIMONSEN, Roberto C. A controvérsia do planejamento na economia brasileira. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3183. Acesso em: 6 ago. 2024.

IEDI. Brasil não tem 0,5% da venda global de manufaturados. 2023. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/Evolucao_da_pauta_exportadora_brasileira_e_seus_determinantes.pdf. Acesso em: 10 mai. 2024.

IPEADATA 2024. Dados sobre investimento chinês. Disponível em: http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx. Acesso em: 13 mai. 2024.

IMF 2020. Índice de Preço de commodities excluindo o ouro. Disponível em: https://www.imf.org/en/Research/commodity-prices. Acesso em: 13 mai. 2024.

manzi, Rafael. O Fim do superciclo de commodities e seus reflexos na economia brasileira. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/P.1809-6182.2016v13n1p36. Acesso em: 20 mar. 2024.

Marques, Tomás; Campos, Reinaldo. Uma análise do comércio bilateral Brasil - China: A deterioração dos termos de troca e o caso da soja. Revista Tempos do Mundo, Brasília, n. 24, 2020.

MEDEIROS, Carlos. Economia e Política do desenvolvimento recente da China. Revista de Economia Política, v. 19. 497 p, 1999.

Ministério das Relações Exteriores. República Popular da China. 2014. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/republica-popular-da-china#:~:text=As%20rela%C3%A7%C3%B5es%20entre%20Brasil%20e,Janeiro%2C%20S%C3%A3o%20Paulo%20e%20Recife. Acesso em: 18 jun. 2024.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Evolução das Exportações Mundiais – 1950 a 2008. Disponível em: http:www.mdic.gov.br. Acesso em: 10 abr. 2024.

NAUGHTON, Barry. Growing out of the plan: Chinese reform. Cambridge University Press, 1998.

NBSC. China Statistical Yearbook 2022. Disponível em: https://www.stats.gov.cn/sj/ndsj/2022/indexeh.htm. Acesso em: 9 jul. 2024.

PREBISCH. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. Revista Brasileira de Economia, v. 3, 1949.

Silva; Prado; Torracca. Um novo olhar sobre um Antigo Debate: A tese de Prebisch-Singer é, ainda, válida? Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ecoa/article/view/117012. Acesso em: 19 mar. 2024.

simonsen, M. H. O crescimento economico e seus fatores limitativos. Ministério da Fazenda, 1978. Disponível em: Acesso em: 12 abr. 2024.

SINGER, H. W. The distribution of gains between investing and borrowing countries. The American Economic Review, p. 473-485, 1950.

SONG, Z; STORESLETTEN, K.; ZILIBOTTI, F. Growing Like China. American Economic Association. Disponível em: https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/aer.101.1.196. Acesso em: 15 abr. 2024.

XI, J.P. Xi declares "complete victory" in eradicating absolute poverty in China. 2021. Disponível em: http://english.anhuinews.com/newscenter/headline/202102/t20210226_5136415.html Acesso em: 15/05/24. Acesso em: 19 abr. 2024.

yao, S. On economic growth, FDI and exports in China. Disponível em: https://doi.org/10.1080/00036840500368730. Acesso em: 3 jun. 2024.